

Respostas do ChatGPT como gênero discursivo: construção da identidade vista em percepções de estudantes de Letras

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3598>

Leonardo Mailon Borges¹
Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira²

Resumo

A OpenIA é um laboratório de pesquisa em inteligência artificial (IA), localizado nos EUA e, em 2022, apresentou ao mundo o ChatGPT, semelhante a um *chatbot on-line*, isto é, uma IA na qual um assistente virtual inteligente formula respostas, em forma de textos, partindo de questões formuladas por usuários. Em se tratando de linguagem e constituição de textos, surgiu o interesse pelo desenvolvimento da presente discussão, cujo problema e questionamentos decorrentes relacionam-se com a formação de estudantes de licenciatura em Letras, em razão do estudo de textos, e o lugar da IA enquanto produtora de textos: qual a avaliação que estudantes de Letras fazem do gênero “resposta do ChatGPT”, considerando uma questão teórica da área feita ao *chatbot*, tendo, como critério comparativo da resposta da máquina, estudos realizados, na modalidade presencial, em sala de aula? Qual a função social do gênero? Se considerada a vertente do estilo do gênero, em Bakhtin (2011), parte-se das hipóteses de que as respostas são superficiais, não apresentam argumentos de autoridade e ainda têm erros conceituais, são referenciais e apontam para o nível denotativo da linguagem. Para responder ao problema e confirmar ou refutar as hipóteses, foi estabelecido o objetivo geral que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero “respostas ChatGPT” com base na temática *Euclides da Cunha e Os sertões*, recentemente estudada em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada. O estudo seguiu dois caminhos. Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica, para discutir IA e o contexto em que o ChatGPT se insere, nas perspectivas de Russel e Norvig (2004) e Sichman (2021), além de buscas feitas no *site* do laboratório criador da IA. Também, para subsidiar as

1 Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF), Franca, São Paulo, Brasil; leonardomailonborges@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2990-1083>

2 Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF), Franca, São Paulo, Brasil; sheilafacef@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2313-2474>

questões de constituição de gêneros, houve o respaldo em Bakhtin (2011, 2017) e nos estudos sobre cotejamento, em Bakhtin (2017) e Geraldí (2012). Em seguida, foi realizada uma pesquisa com sete estudantes de Letras do último ano do curso, de forma a lhes apresentar o resultado à pergunta da temática de estudo, estudada recentemente no curso presencial noturno de uma instituição municipal de ensino superior, caracterizando uma entrevista em profundidade (grupo focal). Foram definidos descritores em torno dos elementos constituintes de gêneros discursivos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial e ChatGPT; gêneros discursivos; função social do ChatGPT.

ChatGPT responses as a discursive genre: construction of identity seen in modern languages students' perceptions

Abstract

OpenAI is an artificial intelligence (AI) research laboratory located in the USA and, in 2022, introduced ChatGPT to the world, similar to an online chatbot, that is, an AI in which an intelligent virtual assistant formulates responses, in the form of texts, based on questions formulated by users. When it comes to language and the constitution of texts, interest arose in the development of the present discussion, whose problem and resulting questions are related to the training of undergraduate students of Modern Languages, due to the study of texts, and the place of AI, as a text producer: what is the evaluation that Modern Languages students make of the "ChatGPT response" genre, considering a theoretical question in the area asked to the chatbot, using studies carried out in person in a classroom as points of comparison for the machine's response? What is the social function of the genre? If the style aspect of the genre is taken into account, according to Bakhtin (2011), it is assumed that the answers are superficial, do not present authoritative arguments and have conceptual errors, are referential and point to the denotative level of language. In order to answer the problem and confirm or refute the hypotheses, the general objective was established: to investigate the perception of Modern Languages students about the genre "ChatGPT responses" based on the theme *Euclides da Cunha e Os sertões*, recently studied in the classroom by them, in order to outline the current genre and observe the postulated social function. The study followed two paths. Initially, bibliographic research was carried out to discuss AI and the context in which ChatGPT is inserted, from the perspectives of Russell and Norvig (2004) and Sichman (2021), in addition to searches made on the website of the laboratory that created ChatGPT. Bakhtin (2011; 2017) was also used to support questions about the constitution of genres, as well as Bakhtin's (2017) and Geraldí's (2012) studies on quotation. Next, a survey was carried out with seven final-year Modern Languages students, in order to present them with the result of the question about the topic of study, recently studied in the evening course of a municipal institution of higher education, which was conducted as an in-depth interview

(focus group). Descriptors were defined around the constituent elements of discursive genres.

Keywords: Artificial intelligence and ChatGPT; Discursive genres; Social function of ChatGPT.

Inteligência Artificial e o Círculo de Bakhtin: discursos (in)acabados – uma introdução

A Inteligência Artificial, como área de estudos da Computação, fundada na década de 1950 (Sichman, 2021), tem tomado a centralidade das discussões sobre a relação que sujeitos estabelecem com dados nos meios virtuais, o que acarreta a presença de ambivalências constituintes em diferentes campos da atividade humana (Bakhtin, 2011), isto é, há quem as valorize, há quem as condene nas mais diversas práticas sociais.

Na vida em sociedade, o que se vislumbra, na perspectiva da ADD (Brait, 2020), é justamente essas vozes sociais que contrastam em arena (Volóchinov, 2017) em que a cada *ato/evento/acontecimento* (Bakhtin, 2010) são recuperados e renovados os enunciados (in)acabados desse elo que só se realiza por meio da linguagem em sua forma orgânica materializada nos gêneros do discurso, os quais atendem às funções sociais da demanda contextual vivenciada por sujeitos de linguagem.

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (Bakhtin, 2016, p. 26).

A Inteligência Artificial é, antes de tudo, uma atividade de linguagem, ou seja, um acontecimento sociocultural como simulacro das vontades humanas nos meios virtuais, posto que se trata “[...] de um ramo da ciência/engenharia da computação, e portanto visa desenvolver sistemas computacionais que solucionam problemas. Para tal, utiliza um número diverso de técnicas e modelos, dependendo dos problemas abordados” (Sichman, 2021, p. 38).

Ademais, a materialidade de que uma inteligência artificial se apropria é o algoritmo, o qual é projetado como “[...] uma sequência finita de ações que resolve um certo problema” (Sichman, 2021, p. 38). Vê-se, nesse sentido, que o signo ideológico³ *problema* é recuperado

3 Sugere-se a leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2017) para ampliação dos postulados do Círculo de Mikhail Bakhtin no que diz respeito à noção de signo ideológico.

no discurso do que é uma inteligência artificial, posto que esta tem como objetivo central o de atuar na resolução desses impasses da vida pós-moderna.

É sob esse prisma que se considera, de modo recorrente, uma inteligência artificial como ato responsável das atitudes humanas na necessidade de se promover a interação para a resolução dos mais variados problemas, posto que:

[...] o domínio de IA se caracteriza por ser uma coleção de modelos, técnicas e tecnologias (busca, raciocínio e representação de conhecimento, mecanismos de decisão, percepção, planejamento, processamento de linguagem natural, tratamento de incertezas, aprendizado de máquina) que, isoladamente ou agrupadas, resolvem problemas de tal natureza (Sichman, 2021, p. 39).

Considerando a perspectiva metodológica a ser apresentada nesta pesquisa, as IA's possuem autonomia relativamente construída (Dignum, 2019, p. 19) e (in)acabada na e pela interação: dependem, a todo momento, do *ato/evento/acontecimento* humano para se realizarem como atividade de linguagem, visto que respondem a discursos suscitados pelo pensamento e pela capacidade humana de agir sobre a realidade, na unidade da responsabilidade discursiva, isto é, sem alibis para a existência do homem.

O sujeito, o qual é posto como aquele que pensa, que raciocina e que promove a dialética das relações continua, de modo inquestionável, sendo o homem, munido de sua realidade concreta de discursos que o rodeiam na cadeia de enunciados que são apresentados a ele e que compõem o repertório sociocultural desses indivíduos, desde as sociotécnicas (Trist *et al.*, 2013) mais simples, como serviços bancários ou *call center*, até os mais complexos, como o Alexa e a Siri, que respondem a comandos de voz. Apropriando-se de um sistema, o ser humano passa a interagir com uma inteligência, como o ChatGPT, o qual é instrumentalizado, nessa relação, como *chatbot on-line*. O que se verifica, de início, é que não existem substituições de homens por máquinas em atividades intelectuais, posto que estas exigem um acabamento que é contextual e situado no ideal de responsabilidade, novamente, sem quaisquer alibis para a existência e como discurso que se renova a cada interação prevista.

Nesse sentido, construiu-se o seguinte problema de pesquisa aqui recortado: qual é a avaliação que estudantes de Letras fazem do gênero “resposta do ChatGPT”, relativamente à questão teórica feita ao *chatbot*, tendo, como critério comparativo, estudos realizados, na modalidade presencial, em sala de aula? E, ainda, qual é a função social desse gênero?

Para responder ao problema e confirmar ou refutar as hipóteses, foi estabelecido o objetivo geral que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero “respostas ChatGPT” com base na temática Euclides da Cunha e *Os sertões*, recentemente estudada

em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada.

Os objetivos específicos do estudo envolvem: a) discutir, por meio de abordagens teórico-acadêmicas, Inteligência Artificial, enquanto contexto de inserção do ChatGPT; a) elencar pressupostos bakhtinianos sobre a constituição de gêneros discursivos, a partir de estudos da filosofia da linguagem; b) debater o cotejamento enquanto estratégia metodológica de análise de dados em pesquisas qualitativas; e, c) realizar pesquisa de campo com estudantes de Letras, concluintes, da modalidade presencial, a fim de verificar a percepção sobre o gênero discursivo “respostas dadas pelo ChatGPT”.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, para discutir IA e o contexto em que o ChatGPT se insere, nas perspectivas de Trist, Bamforth e Emery (2013), Dignum (2019) e Sichman (2021), além de buscas feitas no *site* do laboratório criador da IA. Também, para subsidiar as questões de constituição de gêneros discursivos, houve o respaldo em Bakhtin (2011, 2017) e também nos estudos sobre cotejamento, em Bakhtin (2017) e Geraldi (2012).

Em seguida, foi realizada uma pesquisa com sete estudantes de Letras do último ano do curso, de forma a lhes apresentar o resultado à pergunta da temática de estudo, estudada recentemente no curso presencial noturno de uma instituição municipal de ensino superior, caracterizando uma entrevista em profundidade (grupo focal). Foram definidos três descritores em torno dos elementos constituintes de gêneros discursivos – tema, estilo e estrutura composicional.

É nesse ínterim que se nota, nesta pesquisa, o vínculo entre o *corpus*, isto é, o ChatGPT, e a noção de linguagem como acontecimento social que se materializa por meio do gênero do discurso.

A problemática do gênero discursivo como acontecimento

Os inúmeros gêneros atendem às necessidades das atividades comunicativas que, atualmente, têm sido potencializadas pelas tecnologias, especialmente as digitais, como talvez nunca foram anteriormente, também por conta do repertório de conhecimentos constituídos pelas práticas sociais, por ocasião da pandemia da covid-19. Nesse sentido, são significativos os estudos que correlacionam os usos da língua e as novas tecnologias.

Entende-se, por isso, que “os gêneros são arranjos que dependem de fatores sociais, ou seja, dos efeitos de sentido valorizados em um certo domínio por uma dada formação social” (Fiorin, 1990, p. 97).

São indissociáveis do indivíduo o tempo e o espaço, em cooperação na constituição de um gênero, se observados os estudos bakhtinianos. Assim, Machado (1997, p. 153) afirma que o gênero pode ser entendido como:

[...] uma dimensão temporal, um uso. Os gêneros reportam-se às formas de uso das línguas e das linguagens. O conceito de gênero é potencialmente a imagem de uma totalidade, onde os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo, decorrente, sobretudo, dos vários usos que se faz da língua.

Sobre o indivíduo, Volóchinov (2017, p. 205, grifos do autor), afirma que

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for um indivíduo, tanto mais o seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época.

Complementarmente:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas 'almas' das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (Medvedev, 2012 [1928], p. 48-49).

Os enunciados constituem-se por temática, estilo e estrutura composicional. Os três elementos são indissociáveis. Bakhtin e Volóchinov (2002, p. 128-129) afirmam que um tema é "um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo". Corroboram, ao trazer que o "tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução". Observa-se, por isso, a correlação do indivíduo que produz a enunciação com a história, assim situado. Quanto ao estilo, os estudos bakhtinianos enfatizam que as individualidades são constituídas por *relações sociais de consciências* (Bakhtin, 1997). Nos enunciados, o estilo trata dos recursos lexicais e fraseológicos, trazidos na observação de valores entre indivíduos alocados em uma situação concreta. Por fim, a estrutura composicional explica as formas de construção discursiva dos gêneros. Salienta-se que o sentido produzido na enunciação também depende das questões formais apresentadas na estrutura composicional.

Ao se considerar a infinidade de gêneros e os enunciados que os constituem, tem-se as contrapalavras, ou seja, reações à palavra do outro, elementos de concordância, discordância, complementações ou até o silêncio. As contrapalavras são categorias fundamentais dos estudos bakhtinianos e emergem, de forma significativa, para a análise do *corpus* desta pesquisa.

Essas funções sociais comungam com a noção da responsabilidade como *ato/ evento/acontecimento*, posto que o sujeito, ao se organizar por meio do gênero, expõe a singularidade reveladora de sentidos alicerçados na ideologia de um cotidiano (in) acabado da existência que se renova a cada novo movimento (re)criado.

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (Bakhtin, 2011, p. 21).

É nessa ótica que se sustenta a seguinte questão: como compreender um texto como fonte reveladora de outros (con)textos, vislumbrando-se o (in)acabamento dos sujeitos responsáveis? O cotejamento de realidades, a partir do olhar das Ciências Humanas para as vozes concretas (re)construídas, pode funcionar como um caminho possível na esteira de enunciados que se relacionam.

A pesquisa nas Ciências Humanas: redes concretas em vozes emergentes

Já foi discutida, nesta pesquisa, a relevância sociocultural de se verificar a função de agente que o homem possui no diálogo com uma inteligência artificial – produto oriundo da e para a humanidade. Ao compreender que o ChatGPT atua como um simulacro manipulado por um centro axiológico, é preciso evidenciar que o olhar do pesquisador sobre as ações humanas deve ser ancorado pelo ideal de *exotopia*, a saber que:

[...] meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê. Exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Esse lugar exterior permite, segundo Bakhtin, que se veja do sujeito algo que ele próprio nunca pode ver; e, por isso, na origem do conceito de exotopia está a ideia de dom, de doação: é dando ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador [...] dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e portanto com seus valores, é possível enxergar (Amorim, 2003, p. 14).

Pesquisar com base em objetos produzidos pelo homem é confrontar vozes na busca da síntese (in)acabada. São vozes em conflito na arena de enunciados e valores ideológicos sócio-históricos e situados, a saber: 1) os enunciados do *corpus* e 2) o conjunto de ideologias dos sujeitos pesquisadores; nesse sentido, uma pesquisa cujos *corpus* advêm de sujeitos suscita uma leitura com base na ética da responsabilidade, valendo-se do horizonte próprio de construções enunciativas já experienciadas pelo cientista. Trata-se, nesse viés, do que um eu, enquanto pesquisador, estabelece com um outro, isto é, o texto e sua materialidade linguístico-discursiva, visto que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2017, p. 59, grifo do autor).

Também se chega à compreensão de que, ao examinar as materialidades que compõem um objeto e pensar nas vozes que compõem novos enunciados, cabe pensar a metodologia dialógica como parte da linguística, mas não podemos nos limitar a ela, pois abordamos a linguagem em contexto, pensando em estudos interdisciplinares com base nas humanidades, considerando, também, os centros axiológicos na interação discursiva que produz a alteridade. Por isso que se discutiu, até o momento, a articulação entre a noção de gênero – oriunda da Filosofia da Linguagem – e o discurso das IA's – cuja raiz são os estudos de computação e de dados para se compreender esse objeto – o ChatGPT – que passa a ser compreendido sob os olhares dos estudantes de Letras. Ademais, os pesquisadores bakhtinianos estão preocupados com os fenômenos sociais e, destarte:

[...] essa abertura [...] a diversas áreas é rica e a compreensão responsiva do nosso meio acadêmico [...] é mais um argumento a favor do pensamento do círculo. Nós, pesquisadores em ciências humanas, estamos produzindo compreensão responsiva desse pensamento, respondendo a ele com nossos interesses de pesquisa, com nossos anseios, com nossas questões de pesquisa (Mendonça, 2012, p. 111).

Vislumbra-se, neste estudo, o confronto entre duas vozes: 1) a voz do ChatGPT a partir da situação-pergunta e da situação-resposta e 2) a voz dos estudantes de Letras como comentadores desse processo enunciado pela IA. Tal ótica se sustenta sob os olhares axiológicos dos pesquisadores como *excedente de visão e conhecimento* (Bakhtin, 2010) na organização dessas vozes – orquestradas – que caracterizam o enunciado desta pesquisa como um todo de sentido.

Esse pressuposto, ademais, permite uma fundamentação que precisa se nortear em discussões que demandam a prática da *exotopia* – acepção discutida anteriormente –, posto que, embora se saiba que “qualquer totalidade (a natureza e todas as suas manifestações relacionadas à totalidade) é pessoal” (Bakhtin, 2017, p. 58), “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio” (Bakhtin, 2017,

p. 58) e é nessa tensão que reside o oxímoro como fruto da dialética da produção em ciências humanas: é preciso aproximar-se do objeto ao mesmo tempo em que se preze a manutenção da distância. “[...] é o campo de encontro de duas consciências” (Bakhtin, 2017, p. 60).

Para contemplarmos essa atividade do *excedente de visão e conhecimento*, é preciso buscar fontes para a compreensão do fenômeno da *heterocientificidade* (Bakhtin, 2017; Geraldi, 2012) como metalinguagem a ser adotada na pesquisa em Ciências Humanas, perscrutando, segundo as discussões do Círculo, as seguintes etapas a serem desenvolvidas no trabalho ético do pesquisador, contemplando textos – das entrevistas, dos questionários e do próprio ChatGPT – postos em relação, evidenciando, em descrições e análises, que:

Quem estuda a linguagem não está interessado nos “recortes” dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente (Geraldi, 2012, p. 27-28).

Esse contexto suscita a consciência de que descrições e análises, na metodologia da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2020), promove uma nova compreensão sobre as vozes que foram orquestradas no trabalho feito pelos pesquisadores, com a consideração de que as relações dialógicas se fundamentam na dialética do (in)acabamento, isto é, “[...] o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (Bakhtin, 2017, p. 78).

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos, salientamos que “Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (Bakhtin, 2017, p. 66). Eis a essência dos estudos bakhtinianos no processo que situa as relações arquitetônicas no e pelo diálogo, considerando os conteúdos temáticos de partes que se organizam como uma totalidade (Campos, 2015), a qual está em constante relação dialética, o que nos permite o rompimento, nessa conjuntura, com os fenômenos mecânicos e/ou estruturais:

Essas relações levam à adoção de uma perspectiva teórico-metodológica que coloque textos e contextos em relação para que sejam delineados os novos valores sociais assumidos pelos enunciados postos em tensão dinâmica sob a interpretação situada na pesquisa, contemplando um arranjo que tenha a seleção de enunciados do ChatGPT e das respostas dadas pelos estudantes de Letras como centro axiológico a ser visualizado pelas lentes do dialogismo, compreendendo um horizonte que calcula possibilidades (Geraldi, 2019) de compreensão as quais renovam o elo discursivo sobre o objeto em questão, ao passo em que

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. Bakhtin nos dá dois grandes exemplos de trabalho de interpretação analítica: seus estudos das obras de Dostoievski e de Rabelais. Ao ir cotejando os textos com outros textos vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo de outros campos) com que se aprofunda a penetração na obra em estudo (Geraldi, 2012, p. 33).

Pretendemos, nesse sentido, recuperar a relação epistemológica de análise a partir do cotejamento de enunciados – inseridos na arquitetura do ato concreto de realização responsável, em que os eventos suscitam cadeias de alteridade, as quais supõem a presença de centros axiológicos calcados no princípio da diversidade de discursos e certos de que não existem alibis para a existência (Bakhtin, 2010; Amorim, 2003), tendo em vista que “[...] fazer pesquisa lidando com a questão da diversidade convoca um pensamento ético, mas não há ética sem arena e confronto de valores” (Amorim, 2003, p. 25).

ChatGPT: em busca de uma definição no e pelo diálogo da IA

Quando se busca a definição de ChatGPT nos discursos produzidos pela OpenAI – empresa responsável pelo desenvolvimento do *software* – o que se encontra é um discurso verbal inicial, na página de abertura, que refrata ideologias as quais definem esse recurso como acessório e instrumento para usos ancorados na ética das relações, como se vê a seguir:

Apresentando o ChatGPT

Treinamos um modelo chamado ChatGPT que interage de forma conversacional. O formato de diálogo permite que o ChatGPT responda a perguntas de acompanhamento, admita seus erros, conteste premissas incorretas e rejeite solicitações inadequadas (OpenAI, 2023, *on-line*).

À primeira vista, vê-se que a apresentação feita pela empresa, além de se comprometer com a ética no que diz respeito às interações promovidas (como é revelado em *admita seus erros* e *solicitações inadequadas*, por exemplo), revela a marca que o constitui como *chatbot*: o diálogo, a forma conversacional como recurso estilístico oriundo de um projeto de dizer que materializa a interação explícita entre o homem e a IA.

A respeito das outras informações e possibilidades de interação com os usuários – por vezes panfletárias – veiculadas pela página, visualiza-se um compromisso com a

legibilidade, com a coerência, com a precisão e com outros critérios textuais associados à produção de textos pelo ChatGPT, revelando que é utilizado um modelo baseado no que se chama de *tecnologia de aprendizagem profunda* (OpenAI, 2023), a qual revela a seguinte valoração exposta pela marca: “Nossos modelos de texto são ferramentas avançadas de processamento de linguagem que podem gerar, classificar e resumir texto com altos níveis de coerência e precisão” (OpenAI, 2023, *on-line*).

Com base nas discussões realizadas anteriormente sobre como se denomina uma IA nos tempos atuais, verificou-se, como signos recorrentes, a noção de que uma inteligência artificial atua na *resolução de problemas* (Sichman, 2021), o que confere ao discurso uma leitura de que elas atuam como instrumentos facilitadores das relações humanas nos mais diversos campos de articulação da linguagem.

Nesse viés, na chamada para o acesso ao *link* do ChatGPT há o seguinte enunciado construído com base na modalização verbal dos usos do imperativo: “ChatGPT: obtenha respostas instantâneas, encontre inspiração criativa e aprenda algo novo. Use o ChatGPT gratuitamente hoje” (OpenAI, 2023, *on-line*).

Obter, encontrar e aprender. Esses verbos corroboram a visualização da categoria axiológica do *eu-para-mim*, do *eu-para-outro* e do *outro-para-mim* (Bakhtin, 2010) na composição da responsabilidade do ChatGPT como inteligência artificial, a saber, nessas três instâncias que: 1) o autoconhecimento do *software* se dá pela capacidade de levar o usuário a obter respostas rápidas e eficazes, fazê-lo encontrar novidades a ponto de desenvolver senso criativo e levá-lo a aprender sobre o que se desejar descobrir; 2) a possibilidade de interação de modo direto e consistente; e, 3) o olhar de facilitador que o ChatGPT pode oferecer ao usuário.

Essas três categorias constituem, aqui, a relação dos *atos/eventos/acontecimentos* do ChatGPT, contemplando como a plataforma se vê enquanto mais uma possibilidade de *software* e em que medida ela se define na singularidade promovida pela empresa.

Como não há, nos tempos atuais, discursos citados que versem especificamente sobre o ChatGPT, o que se compreende, até o momento, é que se trata de um *chatbot*, na modalidade conversacional, que se dispõe a relacionar textos e contextos na composição de respostas *relativamente autorais* diante de questionamentos feitos por um utilizador. Diante do projeto discursivo desta pesquisa, foi feita a seguinte pergunta à plataforma: *Quem é você?*, com a seguinte atitude de resposta: “Eu sou o ChatGPT, um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI. Fui treinado para fornecer informações e responder a uma ampla variedade de perguntas em diversos tópicos. Como posso ajudar você hoje?” (OpenAI, 2023, *on-line*).

É válido considerar o posicionamento valorativo do próprio ChatGPT em “Fui treinado”, o que se constitui como voz que contrasta com a noção de autoria e de produção de texto como acontecimento orgânico, evidenciando que há uma programação a qual veicula a ideologia de que é impossível haver uma sobreposição da voz de um *software* à voz e à potência articuladora do ser humano em construir os próprios projetos de dizer por meio de escolhas linguísticas situadas e concretas, as quais recuperam e renovam a cadeia de enunciados da cultura.

Investigação de campo

Para realizar a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: um questionário *on-line*, divulgado aos participantes pelo Google Forms, contendo questões abertas e fechadas; e uma entrevista do tipo grupo focal, escrita. O grupo focal constitui-se de sete estudantes do sétimo semestre do curso de Licenciatura em Letras (seis pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino).

Foram realizadas duas coletas de dados no mês de junho de 2023, com duração total de uma hora e trinta minutos, em uma aula do período noturno em uma instituição municipal de ensino superior que oferece o curso de Letras na modalidade integralmente presencial. Essa instituição existe há setenta e dois anos, localizada em Franca (SP), a quatrocentos quilômetros da capital, e contempla quatorze cursos de graduação, todos presenciais, oriundos das diferentes áreas de conhecimento. Os cursos são oferecidos nos períodos matutino e noturno e alguns são integrais.

O curso de Letras, do qual os participantes da pesquisa são estudantes, é oferecido no período noturno, de segunda a sexta-feira. Esses discentes entrevistados são bolsistas do Programa Residência Pedagógica (Capes), possuem competência na elaboração de projetos científicos, com artigos científicos publicados em periódicos locais, desenvolvimento de Práticas como Componentes Curriculares (PCC's) e, atualmente, realizam Estágio Supervisionado obrigatório.

Sobre a primeira coleta de dados, intitulada “Práticas de leitura e escrita: levantamento sociocultural de estudantes universitários”, foi utilizada a plataforma Google Forms a fim de se realizar uma verificação de dados socioculturais dos participantes a respeito das habilidades de leitura e escrita em diálogo com o uso da tecnologia. O roteiro do questionário foi constituído de nove questões, a saber: cinco questões abertas e quatro fechadas.

Coleta de Dados 1 – Descrição e análise

No presente item, apresentam-se os dados coletados com os sete participantes, por meio de formulário eletrônico, cujo roteiro encontra-se no Anexo A. De acordo com Mota (2019, p. 373):

[...] algumas características do Google Forms: possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o Google Forms pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa.

No mês de maio, foi encaminhado um *link* ao grupo de contatos de WhatsApp da turma de estudantes, contendo um formulário do Google Forms. Os estudantes o acessaram, pelo celular e, em menos de quinze minutos, já haviam respondido.

O roteiro de questões foi constituído de questões abertas e fechadas. Inicialmente, as questões 1 – Idade; a 2 – Curso; e a 3 – Semestre tiveram o propósito de estabelecer o perfil dos participantes da pesquisa. As questões seguintes tiveram o objetivo de caracterizar a interação dos participantes com a leitura e com a escrita. Assim, a questão 4 solicitava resposta para a quantidade de horas que os participantes da pesquisa se dedicavam à leitura (de teoria e literatura) durante a semana. 28% afirmaram dedicar-se doze ou mais horas; enquanto 72% afirmaram que são de quatro a sete horas. A questão 5 tratou da relação do suporte de acesso aos textos. 100% dos respondentes afirmaram o suporte impresso. Na questão seguinte, sobre o tempo dedicado à leitura, semanalmente, observa-se uma variação entre uma hora e sete horas, sendo que três horas indica a média de leitura dos respondentes.

Questionados sobre as práticas de escrita decorrentes das leituras, as respostas foram bem diversificadas, justificando subsídios para tratar de: artigos científicos, projetos e TCCs; resumos e resenhas; planos de aulas e sequências didáticas; aulas e estudos dirigidos; seminários; relatórios; fichamentos; anotações; e preparação de aulas.

Em seguida, os participantes da pesquisa ainda foram questionados sobre as fontes/meios de pesquisa e responderam: artigos científicos; fontes *online* confiáveis; livros (impressos e digitais); artigos do Google Acadêmico; apostilas; e vídeos.

Por fim, questionados sobre o uso que fazem do ChatGPT, cinco afirmaram que nunca utilizaram; um busca de receitas culinárias e curiosidades; e um diz:

1. Já utilizei o Chat GPT para verificar em qual capítulo de um livro estava uma citação. Entretanto, o aplicativo não conseguiu me fornecer a resposta, dando a justificativa de que a inteligência artificial não tem acesso a conteúdos de obras literárias. (E7).

Coleta de Dados 2 – Descrição e análise

Em um segundo momento, os pesquisadores, que são professores da turma, entregaram, aos participantes, de forma impressa, o roteiro de coleta de dados da segunda etapa⁴. O roteiro consta no Anexo B. Foi feita uma leitura oral e esclarecidos o comando e as questões constantes do referido Roteiro. Os estudantes prontamente começaram a responder, entusiasmados, demonstrando interesse no resultado da presente investigação. As respostas foram elaboradas em menos de cinquenta minutos.

Quanto à primeira questão da atividade: “Atendimento do comando da questão quanto ao TEMA solicitado, as sete respostas se encaminham para o “atendimento parcial”. Os sete estudantes afirmam que a IA responde ao questionamento, mas apontam fragilidades em:

- A. contexto histórico e ausência de elementos que direcionam as análises em condições de produção:
 - 2. Alguns pontos importantes a serem pensados são sobre o contexto de produção, os ideais filosóficos e científicos que nortearam a produção do livro e que influenciam diretamente na estrutura composicional de *Os Sertões*. (E5).
- B. resposta genérica, com objetividade. Deixa de lado as discussões sobre determinismo, darwinismo e questões ligadas ao meio:
 - 3. Entretanto, deixaram-se, de lado, fatos de extrema importância que compõem ‘os planos’ presentes na obra, como o caso da mestiçagem [...], além disso a visão determinista [...] (E3).
- C. a IA não responde ao questionamento literário:
 - 4. [...] uma vez que [a IA] *não possui habilidade de pensar e refletir criticamente acerca do questionamento literário, visto que essa é uma capacidade humana.*” (E6).

Em relação à segunda questão da atividade: “Tratamento dado às questões estilísticas na resposta (seleção lexical, nível de linguagem, operadores linguísticos e discursivos etc.)”, segue:

⁴ Registram-se aqui os agradecimentos à Profa. Dra. Monica de Oliveira Faleiros, docente do curso de Letras do Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca), por ceder a questão e o padrão de respostas da avaliação da disciplina de Literatura Brasileira, realizada em abril/2023 e, dessa forma, possibilitar parte da composição do instrumento de coleta de dados deste estudo.

- A. as questões estilísticas obedecem ao padrão normativo da língua:
 - 5. Por se tratar de uma inteligência virtual, comandada por um sistema, toda a parte lexical, gramatical, atende um bom nível, se utilizando de uma linguagem formal e de acordo com as normas padrão de escrita. (E3).
- B. resposta elaborada com linguagem apropriada ao atendimento de qualquer público, porque é objetiva:
 - 6. Ele (ChatGPT) usa uma linguagem apropriada, acessível, qualquer pessoa consegue entender o que ele está falando/descrevendo. (E4)
- C. ocorre a repetição de conectivos, o que torna o sentido circular e sem aprofundamento:
 - 7. [...] repetição excessiva de termos que poderiam ser substituídos por sinônimos. Ainda, algumas ideias tornam-se repetitivas, apresentando uma rematização circular, reiterando ideias desnecessárias e não progredindo/aprofundando o assunto tratado. (E5).
- D. a resposta evidencia uma falta de conhecimento aprofundado da língua e do livro:
 - 8. A seleção lexical atende à forma padrão da língua, mas é uma linguagem muito comum, sem demonstrar grande domínio da língua e do livro. (E6)

A terceira questão, “Avaliação da estrutura composicional da resposta”, trouxe argumentos que merecem destaque, a seguir, salientando que uma resposta de estudante fugiu da temática solicitada na questão. As respostas reiteradas destacam:

- A. o consenso de que a resposta apresenta a estrutura – introdução, desenvolvimento e conclusão:
 - 9. A estrutura composicional da resposta é perfeitamente adequada. Um parágrafo introdutório que apresenta o que será desenvolvido, continuando com dois parágrafos de desenvolvimento dos temas apresentados na introdução, separados por tratarem de informações diferentes em relação de oposição [...] e encerrando com um parágrafo de conclusão que retoma as informações da introdução, elaborando a tese nesta apresentada. Entretanto, percebo que nem tudo apresentado na introdução é desenvolvido no texto, ou ao menos de forma satisfatória. (E2).
- B. parágrafos que não destacam o recuo de margem:
 - 10. Os ‘parágrafos’, ou melhor, trechos (pois não possuem estrutura de parágrafo), como, por exemplo, o espaço antes de iniciar a escrita na primeira linha. (E6).

Quanto à quarta questão: “Por fim, um julgamento da resposta dada pelo ChatGPT à questão, apresentamos a síntese das respostas dos sete respondentes, porque cada qual estabelece um perfil para constituir a identidade do gênero. Assim, têm-se que:

11. [...] o ChatGPT não deve ser usado para responder a questões que demandam aprofundamento [...] (E1)
12. Uma resposta incompleta. (E2)
13. [...] não traz reflexões a partir de um estudo, deixando de citar pontos que retratam o estilo de Euclides da Cunha, como o uso de linguagem enfática, indignada e também a forte presença de figuras de linguagem como a hipérbole e o pleonasma. A questão proposta exige uma resposta reflexiva, que leve em consideração o sentido, já a resposta dada pelo GPT é direta e objetiva. (E3).
14. A resposta deixa a desejar. (E4)
15. A resposta poderá satisfazer aos anseios de leigos. Entretanto, aqueles que leram integralmente o ensaio 'Canudos não se rendeu' de Alfredo Bosi, conseguem perceber a falta de conhecimento de teor crítico com que a IA retrata e, ao mesmo tempo, analisa a obra de Euclides. (E5)
16. Não é suficiente nem satisfatória. (E6)
17. Ao analisar a resposta do ChatGPT diante do conteúdo abordado, nas aulas de Literatura Brasileira, fui surpreendida, visto que se trata de um texto bem escrito, há organização de ideias e uso de recursos linguísticos. Contudo, é notável que não abrange todo o conteúdo necessário, pois, se observada a discussão de Bosi, o que foi retratado (pela IA) está superficial, em relação à grandeza do ensaio. Há a questão determinista e darwinista, ambas ideologias de extrema importância; a mestiçagem que permite a observância dos sertanejos; a linguagem empregada, uma linguagem enfática, repleta de superlativos, uma espécie de 'Barroco Científico'. (E7)

Considerações finais

Ao retomar o objetivo geral do estudo que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero "respostas ChatGPT" com base na temática Euclides da Cunha e *Os sertões*, recentemente estudada em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada, pode-se considerar o que segue.

Os estudantes pesquisados entenderam a proposta de análise do gênero resposta dada pelo ChatGPT referente ao enunciado da avaliação de Literatura Brasileira, em perspectiva bakhtiniana. Entenderam, assim, a resposta do ChatGPT como gênero discursivo, resultante de uma demanda comunicativa contemporânea, concretizada por uma Inteligência Artificial. Deve-se considerar, entretanto, que se trata de público politizado em questões teórico-acadêmicas e que domina a leitura e a produção textual, em nível mais avançado que a população brasileira, em geral.

Nesse sentido, a complementariedade trazida pela temática, pelo estilo e pela estrutura composicional, na constituição dos enunciados e do gênero, era conhecida e foi considerada, pelos estudantes pesquisados, em perspectiva teórica e aplicada no olhar para a resposta da IA. O que se enfatiza é que os estudantes de Letras, ao que parece, dominam os estudos bakhtinianos, assim como as críticas literárias de Alfredo Bosi e, ainda, a obra *Os Sertões*.

Pelo que se pode inferir, a percepção dos estudantes de Letras sobre o gênero é que se trata de uma IA que consegue responder a questionamentos, para um público não especialista no assunto, pois as respostas são genéricas e pouco aprofundadas. Assim, o público mais delineado, mais competente, para determinadas temáticas, exclui o produto trazido pelo ChatGPT.

Trata-se de respostas de âmbito informativo e não reflexivo. São meramente referenciais. Assim, confirma-se a primeira hipótese trazida aqui, no sentido de que as respostas são superficiais, tendo como público aquele observado na pesquisa. Para outros públicos, a resposta pode funcionar como uma curiosidade ou informação inicial e exploratória sobre a temática.

A resposta parece alinhar-se com um relato, organizado em questões temporais. Busca argumentos de autoridade, trazidos na pergunta e não extrapola as fontes já elucidadas. Constitui-se como enciclopédia, em um diálogo digital, que favorece a pesquisa, por meio de perguntas e respostas, criadas iminentemente.

Não se confirmou a hipótese de erros conceituais. A resposta objeto de análise está correta, dentro dos limites da generalidade trazida pela temática.

Na questão do estilo, a seleção lexical não foge do linguajar cotidiano, dispensando consultas a dicionários. Os enunciados são coerentes e coesos, mas não se primam por uma escrita “mais cuidada”, menos repetitiva. O linguajar é denotativo, o que confirma mais uma hipótese do estudo.

No tocante à estrutura composicional, os estudantes participantes da pesquisa parecem entender que a resposta à questão deveria ser dissertativo-argumentativa, por isso trazem a questão da introdução, lugar em que se defende uma tese; o desenvolvimento, local em que se ampliam os argumentos, as discussões e se trazem as exemplificações; e a conclusão, em que se retoma a tese e se faz as considerações finais. Entretanto, não relataram as repercussões da forma, na constituição do sentido. O ChatGPT apela para as questões informativas, em detrimento das argumentativas.

Dessa forma, para delinear a identidade do gênero e discutir a função social, pode-se inferir que o *chat* “assume” uma atividade humana, relacionada com a utilização da língua – no caso, na constituição de enunciados, demandados no cotidiano, em modalidade digital. Reafirma-se, portanto, que o gênero aqui considerado está articulado com questões históricas e sociais, deste tempo e espaço.

Pode-se dizer que se prende à natureza verbal. Alia-se à heterogeneidade discursiva, é do gênero complexo, pois constitui respostas, por meio de diálogo entre diversas esferas disponíveis no meio digital, podendo transitar entre esferas artística, científica, sociopolítica etc., mas traz para si um texto informativo, ao que parece, em perspectiva histórica, sem movimentação crítica ou reflexiva. Apoiar-se em argumentos de autoridade – talvez por se alinhar à pergunta – no estudo de caso aqui apresentado, como dito anteriormente.

Não representa uma resposta individualizada, mas que pode satisfazer às curiosidades de um leitor qualquer. As respostas memorizam este tempo e espaço, especialmente no que se refere à IA – estabelece a relação da evolução tecnológica com o tempo presente e o contexto do século XX, nas duas primeiras décadas.

A compreensão responsiva ativa é a fase preparatória para a resposta, pois, para tanto, estabelecem-se fronteiras entre o indivíduo usuário e o *chat*. Pode-se dizer que há uma alternância entre “falantes”. O Chat busca, na *web*, combinações e articulações com a pergunta dada. A resposta, enquanto contrapalavra, é ideológica, no sentido de atender a expectativa ou a curiosidade do leitor. E continua sendo, quando não o agrada, porque justifica que só pode responder por questões trazidas, a partir de 2021, e solicita que o usuário esclareça ou reorienta a questão.

Como resposta ao ChatGPT, o Google chega com o Bard. Aguardemos a luta que se travará entre Inteligências Artificiais e destas com o homem. Que a inteligência natural não saia vencida e que as IAs sirvam ao homem e não vice-versa.

Referências

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T. et al. (org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2020.

CAMPOS, M. I. B. Compreensão sobre a arquitetônica em Bakhtin: fontes kantianas. *Organon* (On-line), v. 30, n. 59, p. 199-210, 2015.

CAMPOS, M. I. B. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos. *Filologia e Linguística Portuguesa* (On-line), v. 14, p. 247-263, 2012.

DIGNUM, V. Responsible artificial intelligence: how to develop and use AI in a responsible way. *Artificial Intelligence: Foundations, Theory, and Algorithms*. Springer, 2019.

FIORIN, J. L. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 8-9, p. 91-98, out. 1990.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GRUPO DE ESTUDOS DO DISCURSO – GEGE (org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 19-39.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma: percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. *Ancoragens – Estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João, 2019. p. 121-143.

MACHADO, I. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 141-158.

MEDVIÉDEV, I. P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDONÇA, M. C. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso. *In: GRUPO DE ESTUDOS DO DISCURSO – GEGE (Org.). Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 107-117.

MOTA, J. da S. Use of Google Forms in academic research. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 12, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 30 jun. 2023.

OPENAI. *ChatGPT*. Disponível em: <https://openai.com/chatgpt/overview/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RUSSEL, S.; NORVIG, P. *Inteligência artificial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2004.

SICHMAN, J. S. Inteligência artificial e sociedade: avanços e riscos. *Inteligência Artificial: Estudos Avançados*, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>. Acesso em: 27 jun. 2023.

TRIST, E. L. *et al.* Organizational Choice (RLE: Organizations). *Capabilities of Groups at the Coal Face Under Changing Technologies*. [S.l.]: Routledge, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). São Paulo: 34, 2017. v. 1.